

Funcionalidade e caracterização do gênero charge jornalística: as marcas linguístico-enunciativas da ironia, da crítica e do humor

Functions and features of the journalistic cartoon: linguistic and discursive markers of irony, criticism, and humor

Hugo Fernando da Silva Nascimento ¹ 
Erivaldo Pereira do Nascimento ² 

RESUMO

Para Mikhail Bakhtin (2011), a noção de gêneros do discurso ou discursivo compreende enunciados linguísticos relativamente estáveis que são compostos por três elementos centrais: o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional. A esses três elementos, pode-se acrescentar um quarto: a função social do gênero, conforme Miller (1984) e Bazerman (2009). Isso dito, objetivamos, neste trabalho, apropriar-nos desses quatro elementos e esboçar uma caracterização, a partir da perspectiva da Semântica Argumentativa, do gênero charge jornalística, a fim de demonstrar que o estilo verbal desse gênero é fortemente influenciado por fenômenos semântico-argumentativos, como a polifonia enunciativa e a modalização. Nossa pesquisa adquire natureza descritiva, tendo em vista que caracteriza os aspectos que compõem o gênero charge jornalística a partir de um corpus de 118 textos chargísticos de temática política. Ela possui, além disso, caráter qualitativo, porquanto os analisa a partir dos estudos sobre argumentação, polifonia e intertextualidade de Ducrot (1988) e Koch (2004), dos estudos de gêneros de Bakhtin (2011), de Marcuschi (2008), de pesquisas sobre charge feitos por Romualdo (2000), entre outros. Constatamos, após nossas análises, que a charge jornalística de temática política se configura como um espaço discursivo em que o locutor-chargista expressa o que pensa sobre determinado aspecto social. Ele utiliza recorrentemente a polifonia enunciativa e a modalização discursiva — fenômenos semântico-argumentativos que fazem parte do estilo verbal do gênero charge — para ironizar, criticar ou satirizar determinada situação problemática apresentada no texto.

Palavras-chave: Gênero charge. Polifonia. Modalização.

ABSTRACT

For Mikhail Bakhtin (2011), the notion of speech or discursive genres encompasses relatively stable linguistic utterances composed of three central elements: thematic content, verbal style, and compositional structure. To these three elements, a fourth may be added: the social function of the genre, as proposed by Miller (1984) and Bazerman (2009). Within this framework, the aim of this study is to appropriate these four elements and outline a characterization — based on the perspective of Argumentative Semantics — of the journalistic cartoon genre, in order to demonstrate that its verbal style is strongly influenced by semantic-argumentative phenomena such as enunciative polyphony and modalization. Our research takes on a descriptive nature, as it characterizes the aspects that constitute the journalistic cartoon genre using a corpus of 118 political-themed cartoons. It also bears a qualitative character, as it analyzes them through the lens of Ducrot's (1988) and Koch's (2004) studies on argumentation, polyphony, and intertextuality; Bakhtin's (2011) and Marcuschi's (2008) works on genres; as well as research on cartoons by Romualdo (2000), among others. Following our analyses, we found that political journalistic cartoons constitute a discursive space in which the cartoonist-speaker expresses his views on a given social aspect. The cartoonist recurrently employs enunciative polyphony and discursive modalization — semantic-argumentative phenomena that are part of the verbal style of the cartoon genre — in order to mock, criticize, or satirize a problematic situation presented in the text.

Keywords: Cartoon genre. Polyphony. Modalization.

¹ Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa/PB, Brasil. E-mail: hugofermando471@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com estágio pós-doutoral na Universidad de Buenos Aires (UBA)/Argentina. Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa/PB, Brasil. E-mail: erypn@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A língua é, antes de tudo, um processo comunicativo e interativo. Um dos teóricos que apresenta esse tipo de visão social da linguagem é Mikhail Bakhtin (2011). Segundo o autor, quando certos textos apresentam características estruturais e comunicativas em comum, eles passam a se constituir como um determinado gênero do discurso³, isto é, uma entidade linguística que atingiu uma relativa estabilidade e padronização na estrutura, no conteúdo temático e na sua linguagem, em razão de sua função.

Bakhtin (2011) afirma que existe uma enorme quantidade de gêneros, indissociavelmente vinculados às diversas esferas da atividade humana. Dentre os inúmeros gêneros do discurso, destacamos a charge, classificada, segundo os manuais de redação jornalística, como um gênero jornalístico de caráter opinativo (Melo, 2003). Ela é um gênero multimodal que tem como função social apresentar uma crítica, segundo a ótica do chargista, sobre algum acontecimento social e político noticiado recentemente.

Sobre a noção de função social, Miller (1984) e Bazerman (2009) explicam que os gêneros constituem formas de agir em sociedade. Para Miller (1984), uma definição consistente de gênero deve centrar-se não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que este se destina a realizar. De modo convergente, Bazerman (2009, p. 31) afirma que os gêneros devem ser compreendidos como a maneira pela qual “os seres humanos dão forma às atividades sociais”. Em síntese, ambos os autores defendem que os aspectos funcionais e comunicativos são determinantes para a definição e caracterização de um gênero. Em outras palavras, embora os aspectos formais e estruturais tenham relevância, é possível perceber que, em muitas situações, os funcionais se sobrepõem aos formais.

No presente artigo, adotamos a citada noção de função social e a concepção de Bakhtin (2011) de que os gêneros do discurso compreendem enunciados linguísticos relativamente estáveis que são compostos por três elementos centrais: o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional. Assim sendo, objetivamos, neste trabalho, apropriar-nos desses quatro elementos e esboçar uma caracterização, considerando também os estudos da Semântica Argumentativa (doravante SA), do gênero charge jornalística, a fim de demonstrar que o estilo verbal desse gênero é fortemente influenciado por fenômenos semântico-argumentativos estudados pela SA, como a polifonia enunciativa e a modalização discursiva.

Por Semântica Argumentativa, referimo-nos ao conjunto de estudos desenvolvidos inicialmente por Oswald Ducrot que se voltam para a argumentação na língua e para a polifonia enunciativa. Segundo Ducrot (1988), a argumentação corresponde a uma determinada orientação semântica dada a um enunciado, possibilitando ou impossibilitando certas continuações discursivas.

O diálogo entre as teorias que estudam os gêneros do discurso e a SA revela-se pertinente. A investigação mais ampla da qual este trabalho se origina, cujo corpus foi composto por 118 charges sobre as eleições brasileiras de 2018, demonstrou que a análise dos fenômenos da polifonia e da modalização no gênero charge é produtiva e

³ São utilizados diferentes termos para se referir aos gêneros (gêneros do discurso, gêneros discursivos, gêneros de texto etc.). Essa variação terminológica resulta de estudos realizados por diferentes correntes teóricas que, embora apresentem pontos em comum, divergem em aspectos importantes. Em razão da extensão e dos objetivos do presente trabalho, que não tem a pretensão de discutir as distintas linhas de investigação sobre os gêneros e suas terminologias, serão tomados um pelo outro, ao longo do texto, os termos gênero do discurso, gênero discursivo e gênero textual.

determinante para a compreensão dos efeitos de sentido nos textos chargísticos analisados.

Algumas ressalvas, no entanto, são necessárias, especialmente, no que diz respeito ao conceito de polifonia para Ducrot (1988) e para Bakhtin (2002). Para aquele, a polifonia é um fenômeno semântico-argumentativo caracterizado pela presença, em enunciados linguísticos, de múltiplos sujeitos discursivos chamados geralmente locutores. Para este, por sua vez, o conceito de polifonia advém inicialmente do estudo de obras literárias, principalmente dos romances de Dostoiévski, nos quais Bakhtin constatou a presença de uma literatura dita polifônica. Tal literatura polifônica diferencia-se da literatura tradicional chamada dogmática porque naquela seria possível identificar claramente vozes individuais e distintas que não se subordinavam necessariamente à voz ou à visão do narrador do texto.

Feita essa distinção, o conceito de polifonia adotado neste artigo é o de Ducrot, por se mostrar mais adequado aos propósitos da investigação que deu origem a este trabalho. Ressalte-se que o texto ora apresentado resulta de uma pesquisa de mestrado concluída, cujo objetivo foi descrever e analisar a polifonia enunciativa e a modalização como fenômenos semântico-argumentativos no gênero charge jornalística, em textos de temática política.

Nossa pesquisa adquire natureza descritiva, tendo em vista que caracteriza os quatro aspectos principais que constituem o gênero charge jornalística. Ela possui, além disso, caráter qualitativo, porquanto avalia os textos que fazem parte de nosso *corpus* a partir dos estudos sobre argumentação, polifonia e intertextualidade de Ducrot (1988) e Koch (2004), dos estudos de gêneros do discurso de Bakhtin (2011), de Marcuschi (2008), de Miller (1984) e Bazerman (2009) e de pesquisas sobre charge feitos por Romualdo (2000), entre outros.

O leitor poderá observar que o conteúdo deste artigo está organizado, respectivamente, em cinco seções. Na introdução, apresentamos, em linhas gerais, nossa proposta de investigação. Na seção de fundamentação teórica, explanamos os principais teóricos utilizados para embasar esta pesquisa. Na seção de metodologia, expomos os procedimentos metodológicos adotados durante a análise, coleta e seleção de charges. Na seção analítica, trazemos análises de 7 textos que ilustram características que constituem o gênero charge. Em considerações finais, tecemos comentários e trazemos algumas conclusões a que chegamos por meio de nosso estudo.

2 GÊNEROS TEXTUAIS, CHARGE E ARGUMENTAÇÃO

Segundo Bakhtin (2011), à medida que as relações sociais e os campos de atuação humana vão se complexificando, novos usos sociais da linguagem surgem e outros se modificam. Esses usos compartilhados socialmente acabam por se materializar em um conjunto de enunciados linguísticos cujas estruturas e funções, com o passar do tempo, estabilizam-se e atingem uma certa padronização. Nesse contexto, surge o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados que se propõem a cumprir determinadas funções comunicativas.

O autor (2011, p. 262) explica que “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”. De forma similar, os objetos de discurso, por serem provenientes das esferas de atividades humanas, são virtualmente inesgotáveis.

Teoricamente, o objeto é inesgotável, porém, quando se torna tema de um enunciado (de uma obra científica, por exemplo), recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja, desde o início ele estará dentro dos limites de um intuito definido pelo autor. (Bakhtin, 2011, p. 300)

Se por um lado, o objeto discursivo é inesgotável, por outro, o tema dos enunciados é limitado pelas próprias condições concretas de comunicação, pelo contexto histórico, pelos objetivos comunicativos, pela situação social de fala etc. De acordo com Fuza e Rodrigues (2022), por ser limitado pelas condições de produção e pelo intuito definido pelo autor, é possível falar que o tema pode ser exaurido. As autoras apontam que o tema dos enunciados, ou conteúdo temático, está diretamente relacionado ao intuito definido pelo autor, às condições de produção e ao tratamento exaustivo do sentido do objeto.

As autoras defendem também que os gêneros podem ser considerados pela perspectiva da tipificação social dos enunciados, isto é, eles podem apresentar certas regularidades comuns no que diz respeito ao conteúdo temático.

Os gêneros podem ser considerados pela perspectiva da tipificação social dos enunciados, com certas regularidades comuns, constituídas historicamente nas atividades humanas. Então, esses gêneros corresponderão a 'temas típicos', que podem ser entendidos, por meio da citação, como: 'situações típicas da comunicação' e 'realidade em circunstâncias típicas'. Ou seja, o gênero, no âmbito de determinada esfera e situação social, apresenta um tema típico a ser tratado. Essa tipificação é marcada linguisticamente e composicionalmente no gênero, em função do imobilismo linguístico. Quando esse conteúdo/tema típico ganha conclusibilidade, em função de condições definidas pelo autor, Bakhtin destaca o 'tema do enunciado'. (Fuza; Rodrigues, 2022, p. 22)

As autoras exemplificam o conceito de *conteúdo temático típico* por meio do gênero artigo-jornalístico, que apresentaria como conteúdo típico genérico "o ponto de vista do articulista sobre acontecimentos sociais e políticos do contexto histórico-social, objetos de notícias jornalísticas" (Fuza; Rodrigues, 2022, p. 22). A ideia de um conteúdo temático típico não exclui, contudo, o fato de que, quando se passa a analisar um exemplar específico de determinado gênero, é preciso observar as condições de produção e o intuito definido pelo autor do enunciado.

[...] no caso do gênero artigo-jornalístico, há como conteúdo típico, o ponto de vista do articulista sobre acontecimentos sociais e políticos do contexto histórico-social, objetos de notícias jornalísticas. [...] Quando se passa a análise de um exemplar específico do gênero, [...] com o texto-exemplo, *A previdência e a expectativa de vida*, de Antônio Ermírio de Moraes, aborda-se o 'conteúdo temático do enunciado' ou o 'tema do enunciado', já que o articulista pertence à categoria empresarial, que 'toma a reforma previdenciária como objeto do seu discurso, tema em debate naquele momento histórico e focalizada pela mídia, e 'exprime' o seu acento de valor como 'a verdade' ao posicionar-se a favor da reforma'. [...] O artigo é motivado por acontecimentos da atualidade, como a reforma da previdência, de modo que o artigo produzido se constitui como reação-resposta a outros discursos da atualidade (o já-dito), estabelecendo relações dialógicas, e buscando a reação-resposta ativa do seu interlocutor. (Fuza; Rodrigues, 2022, p. 22-23)

As autoras pontuam que essa noção de um tema típico, presente em *Os gêneros do discurso*, não se alinha com a noção de tema em outras obras do Círculo de Bakhtin, como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin, 2002). Elas explicam que, nessa última, o tema é abordado como "a própria situação concreta, o sentido total do enunciado, irrepetível, em diálogo com a significação composta de elementos que são reiteráveis e idênticos, com certa estabilidade" (Fuza; Rodrigues, 2022, p. 23). Neste trabalho, iremos

adotar a noção de *tema típico*, conforme apontado por Fuza e Rodrigues (2022), para analisar o gênero charge jornalística de temática política.

O estilo de linguagem ou estilo verbal está relacionado aos aspectos linguísticos mais recorrentes que aparecem em determinado gênero e que o caracterizam como tal. Recursos linguístico-gramaticais, como o uso de verbos em determinados tempos ou modos, a presença de conjunções e sequências narrativas, injuntivas, descritivas, entre outras, também caracterizam e compõem o que Bakhtin (2011) denomina estilo de linguagem dos gêneros discursivos.

O estilo verbal de um gênero está relacionado também à tipologia textual presente nele. Para Marcuschi (2008), a noção de tipologia textual designa um conjunto de construtos teóricos com propriedades linguísticas específicas. Esses tipos textuais são classicamente divididos em narrativo, argumentativo, descritivo, injuntivo e expositivo - cada qual com uma função textual específica. A depender das finalidades comunicativas do gênero, certos tipos de sequências tipológicas serão mais recorrentes do que outras.

Além das estruturas linguísticas propriamente ditas, também compõem o estilo de linguagem os recursos simbólicos, visuais e gráficos. Isso é especialmente válido em gêneros multimodais como a charge, cuja mensagem é transmitida simultaneamente em dois planos discursivos: o linguístico e o visual. Como exemplo de tais recursos extralinguísticos que também compõem o estilo de linguagem da charge, podemos destacar: os vários tipos de balões de fala para expressar emoções como raiva, calma, alegria dos personagens; as diferentes fontes e os muitos tamanhos de letras para destacar informações; o uso de linhas serilhadas, o uso de pontilhados; o exagero proposital de traços de desenho na caricatura de personagens, entre outros.

Sobre o conteúdo composicional, M. Bakhtin (2011) diz que esse aspecto se articula intrinsecamente com a caracterização e a definição da própria identidade dos gêneros enquanto enunciados históricos. O conteúdo composicional determina, em grande medida, os aspectos relativos à forma e à estrutura de um gênero. Nesse respeito concernente ao gênero charge, Romualdo (2000) aponta algumas características formais gerais como a rapidez na leitura, o uso combinado de texto e imagens e o uso do humor crítico, levando o leitor ao riso ao mesmo tempo que o faz pensar. A charge é um gênero crítico-opinativo que, historicamente, surgiu no domínio discursivo jornalístico⁴.

O conteúdo temático também é um elemento determinante no quesito de que torna um gênero distinto de outros que possuem estruturas ou funções semelhantes. Por exemplo, a charge é geralmente confundida com outros gêneros multimodais, como a tirinha e o cartum. Isso ocorre pelo fato de os três mesclarem linguagem verbal e visual e utilizarem elementos cômicos.

Apesar de semelhantes, quando analisamos atentamente suas estruturas composicionais, conseguimos fazer algumas distinções, como explica Romualdo. O gênero tirinha é habitualmente dividido em mais de um quadro narrativo, que, em sucessão, transmite uma ideia de temporalidade. A tirinha conta uma história curta com começo meio e fim, geralmente narrando uma situação cotidiana que leva a um desenlace cômico.

⁴ Romualdo (2000) explica que a charge surgiu da necessidade de ilustrar o texto escrito das notícias jornalísticas. Com o tempo, algumas dessas ilustrações passaram a retratar os sujeitos citados no corpo da notícia de forma caricata, exagerando suas características físicas propositalmente. Atualmente, entretanto, com a difusão dos meios de comunicação, a charge não é produzida apenas no meio jornalístico. Ela pode ser veiculada por meio das redes sociais, blogs e páginas de internet em geral. Mesmo assim, verifica-se que, desde o seu surgimento, ela é um gênero crítico-opinativo que expressa um julgamento em tom cômico conforme a perspectiva do chargista.

O cartum se aproxima do gênero charge pelo caráter caricato de ambos. Todavia ambos se diferenciam, tendo em vista que o cartum faz alusão a fatos ou pessoas genéricas, sem estabelecer vínculo necessário com uma realidade específica. A charge, por sua vez, caracteriza-se como uma representação crítica e humorística de um fato específico de caráter político, bem delimitado em um tempo recente e ainda fresco na memória coletiva. Além disso, a charge, como observa Arbach (2007), é a reprodução pictórica de uma notícia já conhecida pelo público, que foi interpretada segundo a ótica do chargista, com o intuito de ironizar ou satirizar algo ou alguém, geralmente atribuindo-lhe um aspecto caricato.

Finalmente, gostaríamos de chamar atenção para dois fenômenos argumentativos que fazem parte do estilo linguístico do gênero charge. Os fenômenos em questão são a polifonia enunciativa e a modalização discursiva.

A polifonia enunciativa, no âmbito da linguística, está relacionada à análise das diferentes vozes e pontos de vista presentes em um determinado enunciado. O linguista francês Oswald Ducrot foi pioneiro nesse tipo de investigação. Contrariando o senso comum de que, nos enunciados linguísticos, há uma única voz que se expressa, Ducrot (1988) percebeu, em suas análises, que era possível identificar distintos locutores e atribuir a cada um deles responsabilidade por certo fragmento do dizer.

Por exemplo, em um enunciado como *O médico me disse: "eu te recomendo bastante repouso"*, pode-se, ao primeiro momento, pensar que há apenas a fala de apenas um sujeito - aquele que enuncia toda a sentença. Ducrot, por outro lado, demonstraria que, nesse enunciado, é possível encontrar dois locutores (doravante L) distintos: L1 (o paciente) e L2 (o médico). L1, o locutor responsável pelo discurso como um todo, realiza a introdução de uma segunda voz à qual se pode atribuir um trecho de fala específico: 'eu te recomendo bastante repouso'. O enunciado em questão serve para ilustrar a visão de Ducrot (1988) de que a polifonia é um fenômeno constituinte dos enunciados.

[...] de modo que, em um enunciado, não teríamos apenas uma única voz que se expressa, mas várias. A enunciação, assim, apresenta-se como dupla, pois, ao recuperar a voz de um segundo locutor, L1 reproduz um eco imitativo de um ato enunciativo realizado por outro sujeito (L2) e, ao mesmo tempo que enuncia, L1 também concede ao outro direito para que ele projete sua voz no enunciado. (Nascimento; Nascimento, 2023, p. 61)

Ducrot (1987) faz a distinção entre dois tipos de polifonia: a polifonia de locutores e a polifonia de enunciadores. A primeira está relacionada à presença de múltiplas vozes em um mesmo enunciado, como exemplificado no enunciado anterior sobre um médico e seu paciente. O segundo tipo de polifonia apresentado pelo autor diz respeito à identificação de diferentes pontos de vista em um enunciado linguístico qualquer. Para Ducrot (1988, p. 20), esses pontos de vista "*No son personas sino 'puntos de perspectiva' abstractos*"⁵ em relação aos quais o locutor responsável pelo discurso como um todo assume certas atitudes discursivas de assimilação, rechaço, ironia etc. Ducrot (1988, p. 20) chama esses pontos de vista abstratos de enunciadores: "*Llamo enunciadores a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan en el enunciado*"⁶. Em suma, para Ducrot (1988), a existência de certos personagens linguísticos, no enunciado - sejam eles locutores ou enunciadores - é o que ativará um dos tipos de polifonia.

⁵ "Não são pessoas, mas 'pontos de vista' abstratos". (Tradução nossa)

⁶ "Chamo enunciadores as origens dos diferentes pontos de vistas que se apresentam no enunciado". (Tradução nossa)

O outro fenômeno que se revelou característico do gênero charge foi a modalização discursiva. A modalização é um fenômeno semântico-argumentativo que dá direcionamento discursivo, em razão de determinadas continuações ou conclusões, ao sentido do enunciado. Além disso, é pragmático, porque deixa marca das prováveis intenções do falante em relação ao interlocutor, como explicam Nascimento e Silva:

Os estudos sobre a modalização apresentam-na como um fenômeno que permite ao locutor deixar registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguístico-discursivos e, portanto, imprimir um modo como esse discurso deve ser lido. Dessa forma age em função da interlocução. (Nascimento; Silva, 2012, p. 64)

Koch (2002) diz que a modalização, ou modalidade⁷, discursiva é uma estratégia que tanto possibilita a determinado sujeito discursivo assumir diferentes atitudes em relação ao que está sendo dito no enunciado, como também indicar o modo como se deseja apresentar certa informação para o interlocutor. De acordo com a autora, quando um enunciado é modalizado, o locutor deixa certas pistas em ordem a orientar o interlocutor durante o processo de construção de sentidos.

O fenômeno semântico da modalização expressa-se, nos enunciados, por meio de elementos linguísticos chamados modalizadores, os quais podem ser classificados de acordo com o tipo de modalização que exprimem. Para fins deste trabalho, utilizaremos doravante a classificação dos modalizadores feita por Nascimento e Silva (2012). Entre os tipos de modalização identificados pelos autores estão a modalização epistêmica, a modalização deôntica, a modalização avaliativa e a delimitadora.

De forma resumida, a modalização epistêmica acontece quando o sujeito responsável pelo discurso manifesta uma avaliação sobre o caráter de certeza ou veracidade sobre o que está expresso textualmente no enunciado. A modalização deôntica, por sua vez, acontece quando o sujeito falante imputa as ideias de obrigatoriedade, permissão, proibição ou volição a alguma informação presente no enunciado. Já na modalização avaliativa, como explicam Nascimento e Silva (2012), temos a exteriorização de um julgamento ou apreciação acerca de algum aspecto presente no conteúdo do enunciado, excluídas todas as avaliações de ordem epistêmicas e deônticas. Por fim, a modalização delimitadora é aquela que indica em que circunstancialidade o enunciado deve ser compreendido pelo interlocutor.

3 METODOLOGIA

Este artigo apresenta o recorte de uma investigação - dissertação de mestrado⁸ subvencionada pela Capes - que analisou a coocorrência da polifonia enunciativa em conjunto com a modalização discursiva em um corpus composto por 118 (cento e dezoito) textos chargísticos de temática política. Para a realização do citado estudo, fizemos a coleta de várias charges que abordavam a temática das eleições presidenciais brasileiras do ano de 2018 e seus desdobramentos nos meses seguintes. A coleta do *corpus* foi feita através da rede mundial de computadores, em portais de jornais brasileiros e no portal eletrônico *Chargeonline*. Atualmente, todavia, algumas dessas charges não mais se

⁷ Apesar de o conceito de modalização e modalidade apresentarem diferenças para alguns autores, neste trabalho, não pretendemos nos aprofundar em tais distinções teóricas, por isso utilizaremos simplesmente um termo pelo outro.

⁸ Conforme Nascimento (2021).

encontram disponíveis nos endereços eletrônicos originais, principalmente porque o site *Chargeonline* saiu do ar faz algum tempo.

Nossa pesquisa adquire natureza descritiva, tendo em vista que caracteriza os quatro aspectos principais (estilo verbal, conteúdo temático, construção composicional e função social) que constituem o gênero charge jornalística. Ela possui, além disso, caráter qualitativo, porquanto avalia os textos que fazem parte de nosso corpus a partir dos estudos sobre argumentação, polifonia e intertextualidade de Ducrot (1988) e Koch (2004), dos estudos de gêneros do discurso de Bakhtin (2011), de Marcuschi (2008), de Miller (1984) e Bazerman (2009) e de pesquisas sobre charge feitos por Romualdo (2000), entre outros.

Analisaremos, a seguir, sete (7) das charges catalogadas que ilustram aspectos que constituem elementos próprios do gênero charge. Convém pontuar que nossa caracterização do gênero parte da charge jornalística de temática política. Ainda que atualmente a charge não seja produzida exclusivamente no meio jornalístico, historicamente ela surgiu nesse domínio discursivo e ainda é vinculada a essa área de atividade humana. Além disso, embora a charge não se restrinja a temáticas políticas, como será demonstrado na seção seguinte, são justamente questões políticas e sociais de ampla repercussão que constituem os conteúdos mais recorrentes do gênero.

4 CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO CHARGE

A construção composicional é a responsável pela definição dos padrões e estruturas organizacionais de um determinado gênero, tornando possível diferenciá-lo dos demais. No que tange ao gênero charge, um aspecto fundamental à construção composicional é a noção de multimodalidade. A charge é um gênero em que a significação é veiculada mediante dois planos semióticos: o plano linguístico e o plano visual-imagético. No plano visual, temos a existência de personagens fictícios desenhados pelo chargista em um cenário específico. A presença desses personagens é uma das características constituintes da construção composicional do gênero.

Na charge, na maioria das vezes, os personagens são versões caricatas de pessoas reais. É o que acontece na charge 1, em que ocupantes de cargos políticos durante o governo do ex-presidente Bolsonaro são retratados como super-heróis da Marvel. No plano visual da charge 1, é possível identificar: Hamilton Mourão (Hulk); Rodrigo Maia (Thor); J. Bolsonaro (Capitão América); S. Moro (Homem de Ferro) e Damara Alves (Capitã Marvel).

Figura 1: Os super-heróis do governo



Fonte: Portal Charge Online (2019) ⁹

No gênero charge, os personagens criados pelo chargista podem ser de dois tipos: meramente *figurantes*, quando apenas aparecem no plano visual-imagético da charge,

⁹ Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. 2019.

ou podem ser *locutores*, quando lhes é atribuído algum trecho de fala. Na charge em questão, os personagens retratados são apenas figurantes, pois não lhes são atribuídos trechos de fala. Com efeito, existem charges, como a charge 1, em que a única informação contida no plano linguístico é simplesmente o nome do chargista, de modo que o conteúdo é veiculado unicamente pelo plano visual.

Em grande parte das charges, no entanto, é possível identificar claramente palavras atribuídas a um personagem de fala específico, como ocorre no texto a seguir. Diferentemente da charge 1 em que os personagens são figuras públicas reconhecíveis, na charge 2, os personagens representam figuras genéricas relacionadas a algum acontecimento recente do contexto de produção daquele texto.

Figura 2: Dono de funerária aprova decreto



Fonte: Portal Charge Online (2019)¹⁰

No plano visual da charge 2, publicada em janeiro de 2019, vemos dois personagens fictícios: um repórter e um dono de funerária. O personagem repórter, na charge, por exemplo, seria um caso de personagem *figurante*. Por sua vez, o dono da funerária seria um exemplo de *locutor-personagem*, pois o chargista atribuiu-lhe um trecho de fala específico: "sou favorável ao decreto liberando armas de fogo".

Outro aspecto constituinte da construção composicional é o elemento cômico no gênero charge. O texto chargístico é pensado para ser engraçado, de modo que o humor é um dos aspectos centrais desse gênero. Além de fatores subjetivos (como identificação do leitor com o assunto, experiências pessoais, estado emocional etc.), a comicidade de cada charge vai depender diretamente da quantidade de informações que alguém foi capaz de recuperar e inter-relacionar. Em outras palavras, quanto mais referências (textuais e visuais) o leitor for capaz de captar, tanto mais aquele texto tende a ser engraçado para ele.

Na charge 2, por exemplo, para compreender a veia cômica do texto, o leitor precisaria recuperar a informação de que, no mesmo mês da publicação da charge, foi assinado um decreto que facilitava a posse de armas de fogo pela população. Precisaria também associar essa informação ao plano imagético, no qual o chargista deixou certas pistas visuais para guiar o leitor: um caixão na parede e a inscrição "funerária". Após recuperar e relacionar todas essas informações, o leitor compreenderia que a piada do texto reside no fato de o entrevistado ser dono de uma funerária. Por isso, sua motivação favorável ao decreto do presidente, uma vez que, quanto mais armas para a população, mais homicídios ocorrerão; logo, mais lucro haverá para ele.

¹⁰ Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. 2019.

Outro aspecto composicional da charge é que ela não discorre sobre os acontecimentos a que se refere, pois pressupõe que o leitor esteja atualizado. Conforme Romualdo (2000), o gênero recorre a fatos recentemente noticiados, configurando-se como intertextual e em diálogo com outros textos jornalísticos. A charge a seguir evidencia esse tipo de alusão a um contexto específico, que é recuperável por meio de outros gêneros do campo jornalístico.

Figura 3: Charge recuperando assunto noticiado por jornal



Fonte: Portal Charge Online (2019) ¹¹

A charge 3, publicada em 19 de agosto de 2019, faz referência direta à suspensão de 4.500 bolsas por parte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No plano de fundo da charge, vemos a representação do *layout* de um jornal que remete a uma manchete jornalística sobre a suspensão de bolsas pelo CNPq. Note-se que, longe de se propor a noticiar esse fato (não há *lead*, nem contextualização do fato, nem explanação de motivações), a charge apenas alude a esse acontecimento, pressupondo que o leitor já tenha lido sobre o assunto.

Ao mesmo tempo, podemos perceber a maneira como a charge se inter-relaciona com outros gêneros do universo jornalístico – principalmente com a notícia. Assim, um leitor que não tenha certa assiduidade para com a leitura de outros gêneros jornalísticos ou que, ao menos, não esteja atualizado sobre certos acontecimentos recentes, dificilmente será um bom leitor de charges, já que não conseguirá realizar todas as inferências e recuperar/relacionar as informações necessárias para compreender a piada ou a crítica veiculada pelo chargista.

Todos os gêneros possuem uma função social, como explicam Miller (1984) e Bazerman (2009). Em relação à charge, ela não é um gênero jornalístico ‘neutro’ que preza pela exposição objetiva do fato ocorrido, tal como a notícia. Ela é um gênero crítico-opinativo que exprime um posicionamento ou juízo de valor do chargista a respeito de algum acontecimento social referenciado.

Os posicionamentos do chargista são veiculados por meio do plano visual e/ou do linguístico. Na charge 3, por exemplo, podemos destacar também o uso de recursos extralinguísticos de caráter semiótico que compõem o estilo de linguagem do gênero. Podemos citar o uso tipográfico de diferentes estilos de letras: a fonte em preto do *layout* do jornal, a fonte em azul que reproduz o nome CNPq e a fonte em vermelho representando uma pichação que subverte o nome do órgão de pesquisa para “CNPQP”. Além disso, pode-se citar o trabalho gráfico feito pelo chargista com as linhas no desenho

¹¹ Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. 2019.

caricato do pesquisador, cujos traços físicos são propositalmente exagerados (nariz, pés e cabeça desproporcionais ao corpo e costas encurvadas).

A caricatura na charge é um recurso semiótico que pode tanto levar ao riso quanto à reflexão, como diz Romualdo (2000). Por meio do uso dos traços exagerados, em um primeiro momento, o chargista incita o riso do leitor. Em um segundo momento, no entanto, o chargista nos leva a refletir sobre questões mais sérias de nossa sociedade, por exemplo, as políticas públicas do governo em relação à ciência no Brasil.

Enquanto, no plano imagético da charge, temos a caricatura dos personagens, no plano linguístico, temos a alteração parodística da sigla Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - que aparece rabiscada em forma de protesto na charge - para CNPQP. No Brasil, "PQP" é uma sigla para uma expressão de xingamento à genitora de alguém. Quando essa expressão é atribuída, de forma satírica, ao CNPq, ela traduz um sentimento de grande insatisfação por parte daqueles que contavam com o incentivo à pesquisa científica e tiveram suas bolsas cortadas.

Sobre o conteúdo temático da charge jornalística, pudemos perceber, em nosso *corpus* de charges, que a maior parte dos textos fez referência majoritariamente a fatos recentes ou questões sociais públicas de interesse amplo, conforme pode ser observado na charge a seguir.

Figura 4: Aposentados mendigando



Fonte: Portal Charge Online (2019)¹²

A charge 4, publicada em 17 de julho de 2019, faz referência à reforma da Previdência Social, alvo de longos debates entre as mais variadas camadas da sociedade. A reforma da Previdência teve sua aprovação no plenário da Câmara dos Deputados Federais em 12 de julho de 2019, cinco dias antes da publicação da charge 4, no portal Charge Online.

A charge em questão expõe uma crítica jocosa às consequências negativas que a reforma da Previdência Social traria para os idosos e aposentados – eles passariam a ter que mendigar. O chargista faz uso de uma informação estereotipada da memória coletiva - o costume dos idosos irem às praças para alimentar os pássaros - de modo a satirizar a mudança na aposentadoria. A crítica feita pelo chargista é que a reforma na Previdência seria tão danosa aos aposentados que ocorreria uma inversão de papéis: agora seriam os pombos que dariam comida aos idosos.

Além de abordar questões sociais de interesse público e amplo, a charge também pode tratar de temas menos “politicizados” e de aspecto mais “trivial”, como rivalidades esportivas, conforme mostra a próxima charge. Os três personagens que nela vemos são

¹² Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. 2019.

figuras públicas: o Papa Francisco, o atacante da seleção Argentina Lionel Messi e o atacante da seleção brasileira Gabriel Jesus.

Figura 5: Charge sobre futebol



Fonte: Portal Charge Online (2019)¹³

Como demonstra a charge 5, o conteúdo temático do gênero charge pode remeter a questões menos politizadas, por exemplo, ligadas ao esporte, como a vitória ou derrota de um time de futebol, algum fato curioso relacionado a algum jogador, críticas feitas por torcedores etc. Podem virar temas de charge também o falecimento de artista famoso, escândalos envolvendo celebridades, eventos relacionados à aproximação de datas comemorativas específicas (Carnaval, Natal, Páscoa), entre outros. Apesar de abordar temas mais triviais, como exemplificado na charge 5, observamos que a temática mais recorrente no gênero charge envolve questões sociais e políticas noticiadas recentemente pela mídia — como contradições no meio social, desigualdade entre ricos e pobres, críticas a determinados políticos ou governos e outros fatos atuais.

A charge é um gênero crítico-opinativo que expressa um juízo de valor claro, por isso não é difícil nos depararmos, em seu plano linguístico, com estruturas e recursos verbais que materializam a argumentação na língua, como postulado pela Semântica Argumentativa. Nesse respeito, constatamos, a partir das charges analisadas em nosso corpus, a presença recorrente de recursos argumentativos, como a ironia e a negação associadas ao humor crítico, que, muitas vezes, ativavam os fenômenos semântico-argumentativos da polifonia e da modalização.

Geralmente o conceito de ironia é definido como uma figura de linguagem ou de pensamento utilizada para dizer algo de valor contrário, ou oposto, ao que se está expresso linguisticamente no enunciado. Conseqüentemente, por ironização, entendemos o processo pelo qual os sujeitos discursivos atribuem caráter irônico a alguma informação presente no enunciado. Silva (1987) pontua que, em um enunciado irônico, há a presença de dois pontos de vista contrários entre si: um primeiro ponto de vista do “absurdo”, com o qual o locutor discorda totalmente, e um segundo ponto de vista “sério”, que o locutor assimila.

A negação, por sua vez, refere-se a uma estratégia linguística utilizada apenas para refutar um ponto de vista específico. Apesar de tanto a negação quanto a ironia estarem relacionadas à oposição de algum ponto de vista não assimilado, a diferença entre elas reside no nível implícito do enunciado e no tipo de oposição realizada por cada uma delas. Passeti (1995) esclarece que, na negação, essa oposição a determinado ponto de vista está no nível do posto e encontra-se materializada no próprio enunciado linguístico - quer através do vocábulo *não*, quer através de uma expressão negativa qualquer. Na ironia,

¹³ Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. 2019.

por outro lado, a oposição estaria mais “a nível da enunciação”, como diz Romualdo (2000, p. 88). Em outras palavras, o entendimento de um enunciado irônico beiraria mais o desvelamento pragmático das intenções subjacentes do falante e da recuperação de certos elementos enunciativos contextuais.

Associadas à noção de ironia estão as noções de paródia e intertextualidade – estratégias semânticas que compõem, de forma notável, o estilo linguístico do gênero charge. Por remeter a outros textos jornalísticos e estabelecer relações com eles, a charge tem uma tendência natural a ser intertextual. Também por apresentar um humor caracteristicamente crítico e irônico, a charge está inclinada particularmente à paródia e à sátira de discursos, personagens, acontecimentos e situações. Vejamos como isso ocorre na próxima charge.



Fonte: Portal Charge Online (2019)¹⁴

A charge 6, do chargista Duke, foi publicada no jornal *O Tempo* (MG) em 15 de maio de 2019. No plano visual, vemos dois personagens em uma cena de execução, à maneira da Revolução Francesa. Um deles está com a cabeça posicionada, à espera da queda da lâmina da guilhotina. O outro tenta acalmá-lo, dizendo que fique tranquilo, pois aquilo não era um corte, apenas um contingenciamento.

A charge faz referência a uma medida tomada pelo Ministério da Educação, que resultou na destituição de parte dos recursos de muitas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas. A fala do locutor-personagem recupera o dizer do então vice-presidente Hamilton Mourão de que a manobra econômica não se tratava de um corte na educação, como era dito pela imprensa, mas um contingenciamento.

Na charge, temos a ocorrência do fenômeno semântico-argumentativo da polifonia que é ativada pelas vozes de múltiplos sujeitos discursivos. Mais especificamente, teríamos o locutor-chargista responsável pela charge como um todo (L1); o segundo locutor (L2) seria o locutor-personagem retratado no plano visual; e um terceiro locutor (L3), externo, cuja voz foi recuperada intertextualmente.

Além da polifonia de locutores, ocorre outro tipo de polifonia: a intertextualidade. Como explica Koch (2004), a intertextualidade envolve a recuperação explícita ou implícita de um texto-fonte, ou intertexto, anteriormente produzido. Segundo a autora, a intertextualidade pode se manifestar de duas formas: por captação ou por subversão. Quando o dizer alheio é trazido para dentro do enunciado com a mesma orientação argumentativa do contexto original, temos um processo de captação. Por outro lado, quando o dizer alheio é recuperado para ser parodiado, ridicularizado, ou utilizado em um

¹⁴ Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. de 2019.

sentido contrário em relação ao que tinha no contexto original, temos um caso de subversão intertextual.

Na charge em questão, ocorre um caso de subversão, pois, como explica a autora, há um texto-fonte (a fala do ex-presidente) que sofre reformulação em sua orientação argumentativa original. No contexto original, Mourão defendeu que a medida do governo não era um corte perene, mas apenas uma restrição temporária. Na charge, no entanto, as palavras de Mourão são ironizadas completamente pelo plano visual da charge, que retrata uma cena de execução. Desse modo, o locutor-chargista não crê que a restrição orçamentária efetuada pelo governo implicaria um simples corte, mas um duro golpe às instituições de ensino público, comparado a uma execução.

Outro tipo de polifonia nessa charge é a polifonia de enunciadores. Como explica Ducrot (1988), os enunciadores são pontos de vista identificáveis em um enunciado linguístico. Esse tipo de polifonia foi ativado, na charge anterior, pelo uso do vocábulo negativo “não”, o qual ativa dois pontos de vista opostos entre si: um enunciador primeiro (E1: não é corte) de caráter negativo e um segundo enunciador (E2: é corte) de caráter positivo.

Ducrot (1988) diz ainda que o locutor responsável pelo discurso como um todo assume certos posicionamentos em relação aos enunciadores introduzidos. Na charge em questão, percebe-se que o locutor-chargista assimila o segundo enunciador (É corte) e ironiza o primeiro (Não é corte), uma vez que desacredita que a ação de contingenciar gastos não implique corte de recursos necessários. Convém destacar que a escolha dos termos “contingenciamento” e “corte” dentro do texto faz alusão a palavras utilizadas por diferentes entidades para assinalar posicionamentos divergentes acerca da mesma questão. Se, por um lado, “contingenciamento” foi o termo escolhido pelo Governo Federal para indicar que os recursos foram retidos, mas não retirados; por outro, as organizações e pessoas que se posicionaram contrárias a tal limitação orçamentária optaram por classificar a medida como um “corte”.

Conjuntamente com os diferentes tipos de polifonia nessa charge, temos a modalização discursiva, que é um fenômeno semântico-argumentativo que dá direcionamento discursivo ao enunciado, indicando como ele deve ser lido pelo interlocutor. A modalização na charge é ativada pela expressão “fique tranquilo”, a qual passa uma ideia de ordem dada pelo carrasco ao condenado, orientando-o a se acalmar. Classificando tal expressão de acordo com as categorias de modalizadores propostas por Nascimento e Silva (2012), teríamos um modalizador deontico de obrigatoriedade, uma vez que a ação de ‘ficar tranquilo’ é expressa como algo que o sujeito com a cabeça na guilhotina não tem sequer escolha.

Vejamos outro texto que ilustra a presença dos fenômenos da polifonia e da modalização como aspectos constituintes do estilo linguístico do gênero charge.

Figura 7: Voto por indicação
PT CONFIRMA FERNANDO HADDAD COMO CANDIDATO À PRESIDÊNCIA NO LUGAR DE LULA



Fonte: Portal Charge Online (2019)¹⁵

A charge 7 do chargista Sid foi publicada no portal *ChargeOnline* no dia 12 de setembro de 2018. O texto faz alusão à notícia de que, em virtude de o ex-presidente Lula ter tido sua candidatura à presidência barrada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, iria substituí-lo na chapa do Partido dos Trabalhadores (PT) para presidência.

Na charge, temos a ocorrência da polifonia, sendo ativada pelas vozes de múltiplos locutores. Mais especificamente, teríamos o locutor-chargista responsável pela charge como um todo (L1) e mais dois locutores-personagem (L2 e L3). Desse modo, a polifonia de locutores ocorre quando L1 introduz, dentro do espaço enunciativo do texto, duas vozes (L2 e L3) que pertencem a personagens linguísticos criados por ele.

Há também a ocorrência da polifonia por intertextualidade na parte superior da charge, aludindo a um texto-fonte específico. O título - "PT confirma Fernando Haddad como candidato à presidência no lugar de Lula" - remete ao título de uma notícia real, cujo texto original era "PT confirma Haddad como candidato no lugar de Lula". Desse modo, ocorre o que Koch (2004) chama de captação intertextual, por meio da qual o título de uma notícia jornalística foi recuperado e levemente alterado.

Outro tipo de polifonia nessa charge é a polifonia de enunciadores, a qual pode ser ativada por elementos linguísticos como vocábulos negativos e operadores argumentativos. Ducrot (1988) chama atenção para o operador de contraposição *mas*, que pode evocar três ou quatro enunciadores ao mesmo tempo. Na charge em questão, a polifonia de enunciadores é gerada pelo operador de negação "não" e pelo operador argumentativo "mas". A negação cria dois enunciadores polifônicos opostos entre si: um negativo (E1: Não sei quem é) e outro positivo (E2: Sei quem é). Por sua vez, o *mas* ativa quatro enunciadores: E1; E3; E4 e E5, representados a seguir:

E1: Não sei quem é.

E3: Não irei votar nele.

E4: Mas se Lula mandou votar

E5: Vou votar nele.

Na sentença dita por L3 "Não sei quem é, mas se Lula mandou votar, eu voto", podemos identificar três desses enunciadores que estão textualmente expressos (E1, E4 e E5). O operador *mas* correlaciona a primeira parte da sentença (E1: Não sei quem é) com a segunda parte (E4: Mas se Lula mandou votar). Do ponto de vista mais racional, a enunciação de E1 levaria geralmente a uma conclusão tal como em E3, uma vez que um eleitor consciente não depositaria seu voto em um candidato que não conhece. Contudo o uso do operador de contraposição "Mas" realiza uma alteração radical na orientação

¹⁵ Coletada em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 20 ago. de 2019.

argumentativa do enunciado, encaminhando-o para a nova conclusão (E5). Desse modo, nega-se a conclusão racional E3 em favor de E4 que defende o voto em candidato desconhecido, já que o presidente Lula, uma figura de confiança do eleitor, haveria mandado votar em Haddad.

Nessa charge, ocorre também a modalização discursiva, que foi ativada mediante o uso de três modalizadores diferentes: as formas verbais “confirma”; “não sei” e “mandou”. As duas primeiras constituem-se modalizadores do tipo epistêmico-asseverativo, enquanto a terceira é um modalizador deôntico. O verbo *dicendi* “confirmar” foi utilizado para introduzir em estilo indireto um trecho de fala atribuído na charge ao PT. Esse verbo é modalizador porquanto, além de realizar uma introdução textual – o que é comum a qualquer *dicendi* – sua estrutura profunda incide sobre o aspecto epistêmico do enunciado, uma vez que expressa a noção de *dizer* mais certeza.

Similarmente, o verbo “saber” é um modalizador epistêmico asseverativo que incide sobre o grau de certeza do enunciado. Em sua forma negativa, conforme aparece no enunciado “não sei quem é”, ele indica uma completa certeza da desfamiliarização ou do desconhecimento do personagem L3 em relação ao candidato do PT Fernando Haddad. Por fim, o terceiro verbo modalizador é deôntico – “mandar” – utilizado para indicar uma orientação dada por Lula aos seus eleitores: votar em Haddad.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RESULTADOS OBTIDOS

No que diz respeito à estrutura composicional do gênero charge, pudemos constatar que a presença de personagens fictícios se configura como uma característica central desse gênero. Tais personagens podem ser de dois tipos: *figurantes* ou locutores. São chamados *figurantes*, quando meramente aparecem no plano visual-imagético da charge. É o que ocorre, por exemplo, na charge 1 em que não há texto verbal escrito senão a identificação do chargista, fazendo com que o plano imagético se torne preeminente na transmissão da mensagem. Nas demais charges analisadas, ocorre frequentemente a existência de *locutores*, ou seja, personagens aos quais são atribuídos trechos de fala, demonstrando que a charge é um gênero multimodal em que o conteúdo é construído tanto no plano linguístico como no plano visual, sendo este preponderante em relação àquele.

Os personagens fictícios representados nos planos visuais das charges foram, comumente, representações caricatas de pessoas reais ou, em alguns casos, representações de figuras genéricas relacionadas a algum acontecimento social noticiado recentemente.

Outro elemento distintivo do gênero charge é sua natureza humorística. Para provocar o riso, o chargista dispõe de diversos recursos a serem explorados tanto no plano visual quanto no linguístico, como a caricaturização (exagero das características físicas dos personagens), a paródia (subversão intertextual de discursos) e a ironização (rechaço veemente de pontos de vista absurdos dentro da charge).

A eficácia do riso no texto chargístico depende, em grande medida, do número de referências (textuais e visuais) que o leitor consegue identificar. Por possuir muitas referências e se restringir a um contexto de produção muito específico, diz-se que a charge tem ‘*data de validade*’. À medida que nos afastamos do contexto temporal de produção de determinada charge, torna-se cada vez mais complexo recuperar o sentido por trás do texto, o que dificulta a compreensão e, conseqüentemente, o riso.

Além disso, em virtude de seu caráter espacial-textual limitado, a charge não tem como função principal informar o leitor - como faz a notícia. Tampouco aborda o assunto de modo aprofundado como faz a reportagem. Em vez disso, a charge visa chamar atenção da sociedade para um aspecto específico de um assunto já informado anteriormente.

No que diz respeito ao conteúdo temático, a charge pode abordar temas diversos, no entanto, constatamos que a maioria dos textos fizeram referência a questões sociais públicas de interesse coletivo, como contradições no meio social, desigualdade social e críticas a políticos específicos ou ao governo. Além disso, temas mais específicos que se tornaram alvo de notícia recentemente também podem se tornar mote para a criação de charges, como demonstraram as charges 3, 6 e 7. Por fim, de forma menos recorrente, a charge também pode remeter a assuntos menos politizados e mais triviais, como a aproximação de uma data comemorativa específica, acontecimentos nos esportes ou com famosos, entre outros, como demonstrou a charge 5.

Outra característica do conteúdo temático, segundo Bakhtin (2011), é o querer-dizer, que envolve a intencionalidade e a profundidade com que um assunto é abordado. No gênero charge, essa intencionalidade se manifesta na crítica a acontecimentos noticiados recentemente, que, por serem efêmeros e pouco explorados, exigem que o leitor recupere informações para compreender o tema.

Assim como os demais gêneros que são formas de agir socialmente, como explicam Miller (1984) e Bazerman (2009), a charge possui uma função social delimitada. Longe de ser um texto neutro, a charge é um gênero crítico-opinativo cuja função é exprimir, visual e verbalmente, um posicionamento ou juízo de valor a respeito de algum acontecimento social, segundo a ótica do chargista.

No que se refere ao estilo linguístico, Bakhtin afirma que alguns gêneros podem apresentar elementos de maior formalidade em comparação a outros de estilo mais informal. Aplicando esse conceito à charge, observa-se que se trata de um gênero marcado pelo estilo informal, uma vez que os textos são curtos e os diálogos entre os personagens refletem uma linguagem cotidiana, reproduzindo, em muitos aspectos, a oralidade e a conversação informal.

A crítica social veiculada na charge articula-se às noções de ironia e negação, concebidas como estratégias semânticas que, de modo recorrente, ativam o fenômeno da polifonia no texto chargístico. Tais estratégias implicam a presença de dois pontos de vista antagônicos: um assimilado e outro rechaçado. Diferenciam-se, entretanto, na medida em que, na ironia, há um ponto de vista do qual o locutor discorda com tamanha veemência que o expõe como “absurdo”. É o que se observa na charge 6, em que a ironia resulta do confronto entre os planos linguístico e visual. Enquanto neste se representa uma guilhotina prestes a decapitar o condenado, naquele o carrasco tranquiliza a vítima afirmando que se trataria apenas de um “contingenciamento”, sem corte. O ponto de vista “absurdo” ironizado pelo chargista é justamente a impossibilidade de realizar uma execução sem a efetivação do corte (decapitação). Em perspectiva mais ampla, o objetivo do chargista é ironizar o discurso governamental, na medida em que não reconhece a restrição orçamentária como mero contingenciamento, mas como um golpe severo — comparável a uma execução — dirigido à educação brasileira.

A partir do *corpus* de charges analisado por Nascimento (2021), constatou-se que o fenômeno da polifonia enunciativa associado ao da modalização discursiva pode ser entendido como elemento constitutivo do estilo linguístico do gênero charge. Observou-

se, no estudo realizado, que ambos os fenômenos são aspectos centrais na construção da argumentação do referido gênero, sendo recorrentemente utilizados em conjunto para dar direcionamento discursivo ao texto chargístico.

No que diz respeito à polifonia enunciativa em suas diferentes modalidades (locutores, intertextualidade, enunciadores, entre outros), é notável que a charge, por remeter a acontecimentos reportados em textos noticiosos, tenha uma tendência natural a ser polifônica e intertextual. Dessa forma, ao aludir a fatos sociais ocorridos, o locutor-chargista, por vezes, recorre às vozes de sujeitos envolvidos direta ou indiretamente na questão abordada no texto, captando ou subvertendo intertextualmente os dizeres desses sujeitos, como explica Koch (2004). Em nosso *corpus*, o tipo mais comum de intertextualidade envolveu a recuperação e a subversão da orientação argumentativa de discursos veiculados por políticos ou pelo governo. O uso desse tipo de polifonia adequa-se naturalmente às intenções comunicativas do locutor-chargista que, muitas vezes, satiriza discursos, pessoas e ideias com os quais não comunga, seja por ironizá-los, seja por parodiá-los.

Além disso, a polifonia enunciativa na charge decorre de um aspecto estrutural do próprio gênero: a presença, no plano visual, de personagens fictícios criados pelo chargista. Tais personagens, muitas vezes, adquirem status de locutores quando lhes são atribuídos trechos de fala pelo chargista, o que ativa o fenômeno da polifonia de locutores. Outra modalidade da polifonia ativada na charge é a polifonia de enunciadores, que se manifesta pela presença de diferentes pontos de vista introduzidos pelo locutor-chargista e por seus locutores-personagem. Em nosso *corpus*, esses enunciadores foram, geralmente, introduzidos por negações ou pelo uso de operadores argumentativos, como demonstram as análises das charges 6 e 7. Observou-se que o uso de certas palavras negativas (não, nem, sem, entre outras) ativava dois pontos de enunciadores antagônicos — um E1 positivo e um E2 negativo — sobre os quais o locutor-chargista assumia determinados posicionamentos enunciativos, como apresentação, negação, assimilação ou ironização.

Com relação à modalização, é notável que o texto chargístico — por apresentar um humor caracteristicamente crítico e irônico que envolve a paródia e satirização de certos discursos, personagens ou acontecimentos — é fortemente inclinado a ser valorativo. Quando recupera uma declaração feita por certo político ou personalidade pública, ou faz alusão a determinados fatos sociais, o locutor-chargista posiciona-se valorativamente em relação aos fatos ou aos sujeitos aludidos, ora qualificando-os avaliativamente, ora alterando o valor epistêmico do enunciado, ora atribuindo um caráter deôntico a alguma informação ou declaração presente no texto. A recorrente presença da modalização em nosso *corpus* de charges políticas sinaliza que esse fenômeno — sobretudo a modalização avaliativa — também constitui um aspecto central na construção de sentidos do gênero charge e pode ser entendido como um elemento constitutivo do estilo linguístico desse gênero. O quadro-resumo a seguir sumariza os principais aspectos mapeados do gênero charge, conforme nossa pesquisa.

Quadro1: Principais aspectos mapeados do gênero charge jornalística

	Elementos constituintes	Detalhamento
Estrutura composicional	Multimodalidade	A mensagem é transmitida no plano linguístico e no plano visual
	Personagens fictícios	Podem ser figurantes ou locutores
	Caricatura	Representações exageradas de pessoas reais ou de figuras genéricas
	Humor crítico	Levar o leitor ao riso e à reflexão
	Diálogo entre gêneros	A charge dialoga com outros gêneros jornalísticos. O leitor precisa estar informado sobre o assunto
Conteúdo temático	Temáticas coletivas	Questões sociais ou políticas, majoritariamente
	Acontecimentos recentes	Fatos específicos que repercutiram e foram noticiados recentemente
	Assuntos 'triviais'	Esporte, famosos, datas comemorativas etc
Estilo verbal	Polifonia	Presença de certos sujeitos discursivos introduzidos no enunciado. Podem ser locutores, enunciadores ou um intertexto recuperado
	Modalização	Indica como o enunciado deve ser lido. A modalização avaliativa foi o tipo mais recorrente
Função Social	Expressar um posicionamento do chargista	Expressar, visual e verbalmente, um posicionamento ou juízo de valor a respeito de algum acontecimento social, segundo a ótica do chargista

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Em conclusão, embora sejam fenômenos autônomos, do ponto de vista semântico, os fenômenos da modalização e da polifonia amiúde funcionam em conjunto (coocorrem) dentro do texto chargístico, de modo que se faz proveitosa uma análise que observe as interações e os pontos de articulação estabelecidos entre ambos. Podemos dizer, pois, que a charge se configura como um espaço discursivo em que o locutor-chargista expressa o que pensa sobre determinado aspecto social, recorrentemente fazendo uso de fenômenos e estratégias semântico-argumentativas, tais como a polifonia de locutores, a polifonia por intertextualidade e a modalização discursiva, para ironizar, criticar ou satirizar determinada situação tida por ele como problemática, levando o leitor da charge a pensar de modo crítico através do riso.

REFERÊNCIAS

- ARBACH, J. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Linguagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. Os gêneros discursivos. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979]. p. 279-303.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 3. ed. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2009.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. **Polifonia y argumentación**: Conferências del Seminario Teoría de La Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidade del Valle, 1988.
- FUZA, A.; RODRIGUES, R. A concepção de tema nas obras do círculo de Bakhtin. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 66, p. 1-30, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e14491>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

- KOCH, I. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MILLER, C. R. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**, v. 70, p. 151-167, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1080/00335638409383686>. Acesso em: 19 set. 2025.
- NASCIMENTO, E. P.; SILVA, J. M. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, E. P. (org.). **A argumentação na redação comercial e oficial**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 63-100.
- NASCIMENTO, H. **A construção da argumentação em charges políticas**: a (co)ocorrência da polifonia e da modalização discursiva. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- NASCIMENTO, H.; NASCIMENTO, E. As vozes externas e internas presentes nas charges sobre as eleições brasileiras de 2018. **Prolíngua**, v. 17, n. 2, p. 58-69, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2022v17n2.64315>. Acesso em: 5 de maio de 2025.
- PASSETTI, M. C. **O discurso irônico**: análise da argumentação irônica em textos opinativos da Folha de S. Paulo. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1995.
- ROMUALDO, E. C. **Charge Jornalística**: polifonia e intertextualidade. Maringá: Eduem, 2000.
- SILVA, V. F. **Polifonia**: Caminhos cruzados. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

Declaração de contribuição dos autores

O primeiro autor realizou o processo de coleta, análise dos dados e catalogação dos fenômenos sob orientação e supervisão do segundo. O primeiro e o segundo autor participaram conjuntamente da interpretação e análise dos dados. O segundo autor contribuiu na redação da revisão teórica e procedeu a revisão linguístico-textual.

Declaração de uso de IA

O autor 1 declara que utilizou ferramentas de Inteligência Artificial (IA), mais especificamente, o ChatGPT, para auxiliar nas traduções e revisões linguísticas.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo financiamento desta pesquisa, bem como aos pareceristas que avaliaram o trabalho e contribuíram para o seu aprimoramento.

Artigo recebido em: 07/05/2025
Artigo aprovado em: 02/09/2025
Artigo publicado em: 24/09/2025

COMO CITAR

NASCIMENTO, H. F. da S.; NASCIMENTO, E. P. do. Funcionalidade e caracterização do gênero charge jornalística: as marcas linguístico-enunciativas da ironia, da crítica e do humor. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-20, e02510,